

FORMAÇÃO E HUMANIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATOS DO PROJETO DE EXTENSÃO ANJOS DA ALEGRIA/UNIVALE

FORMATION AND HUMANIZATION IN PANDEMIC TIMES: REPORT ON THE EXTENSION PROJECT ANJOS DA ALEGRIA/UNIVALE

Flávia Rodrigues Pereira - Mestre em Gestão Integrada de Territórios (UNIVALE) - Professora do Núcleo da Saúde e Pós-Graduação em Gestão em Saúde Pública - Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). E-mail: flavia.pereira@univale.br

Valdicélio Martins dos Santos - Mestre em Gestão Integrada de Territórios (UNIVALE) - Professor do Núcleo das Licenciaturas - Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). E-mail: valdicelio.santos@univale.br

Ayla Norma Ferreira Matos - Mestre em Odontologia/Saúde Coletiva (UFMG) - Professora do Núcleo da Saúde - Universidade Vale Do Rio Doce (UNIVALE). E-mail: ayla.matos@univale.br

Enara Cristina Silva Glória Roberto - Mestre em Gestão Integrada de Territórios (UNIVALE) - Professora do Núcleo da Saúde - Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). E-mail: enara.roberto@univale.br

Vanessa Loyola Lopes Leal - Mestre em Gestão Integrada de Territórios (UNIVALE) - Professora do Núcleo da Saúde - Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). E-mail: vanessa.loyola@univale.br

RESUMO

O presente texto tem como objetivo apresentar as ações realizadas pelo projeto Anjos da Alegria/UNIVALE durante o período de distanciamento social devido a pandemia de COVID-19 na cidade de Governador Valadares – MG. Como metodologia optou-se pela pesquisa qualitativa descritiva, do tipo relato de experiência, das ações realizadas durante a formação remota de professores e estudantes que participam do projeto. Os resultados apontam que, mesmo em tempos de distanciamento social, não podemos paralisar ações de humanização em ambientes hospitalares, é preciso buscar metodologias para que tanto pacientes quanto profissionais de saúde sejam movidos a partir do encontro com alegria. Concluiu-se que o riso é um estímulo positivo para o bem-estar de pacientes, acompanhantes e profissionais de saúde nos hospitais e que o projeto, mesmo de forma remota, auxilia no processo de humanização do ambiente, além de contribuir para a formação interprofissional dos estudantes na perspectiva lúdica.

Palavras-chave: Humanização. Riso. COVID-19. Palhaço. Hospital.

ABSTRACT

The present text aims to present the actions performed by the project Anjos da Alegria/UNIVALE during the social distancing period due to the COVID-19 pandemic in the city of Governador Valadares - MG. The chosen methodology was qualitative descriptive research, report on the experiences, regarding the remote formation of professors and students who took part in the project. The results point out that even in social distancing time we can't stop the humanization actions in hospital environments, also that there is a need to search for methods for both patients and health professionals to be moved upon the meeting with joy. It is concluded that laughter is a stimulus that positively affects the wellbeing of patients, their companions and health professionals in hospitals, and that the project, even remotely, aids in the environment's humanizing process, besides it contributes to the students' interprofessional formation in a ludic perspective.

Keywords: Humanization. Laughter. COVID-19. Clown. Hospital.

INTRODUÇÃO

Desenvolver a educação através do sensível deveria ser uma tarefa para todos, no entanto, ela se restringe a algumas áreas do conhecimento como se isso fosse uma particularidade de poucos. Sabemos que o ser humano é o único animal com a capacidade de humanizar, mas ao longo do tempo, infelizmente, perdemos essa característica e esquecemos de olhar para as coisas que trazem sentidos e significados.

É nesse processo de sentir, significar e ressignificar que o projeto de extensão Anjos da Alegria/UNIVALE ganha forma, sendo hoje uma ação permanente da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE iniciada em 2016 que, visa promover a formação interdisciplinar entre seis cursos¹ de graduação, com oficinas de palhaçaria e visitas/intervenções no Hospital Municipal de Governador Valadares – HMGV.

Desde sua fundação, o projeto leva um olhar humanizador ao ambiente hospitalar com as práticas de educação em saúde, alinhadas a ludicidade e comicidade. As visitas ao hospital acontecem de forma quinzenal, bem como as oficinas para palhaços.

Atualmente o grupo é formado por seis professores permanentes e dezoito estudantes², sendo três de cada curso que o compõem, selecionados atendendo ao edital que abre vagas, anualmente, de acordo com a disponibilidade de cada curso, e tem como um dos requisitos serem dos quatro períodos iniciais.

Os professores além de planejar e organizar as oficinas, participam de todas as atividades com os estudantes, inclusive nas intervenções hospitalares, que acontecem a partir de vivências e experiências artísticas, garantindo acesso à arte e cultura às crianças, adolescentes, adultos, idosos e profissionais da saúde inseridos no contexto hospitalar.

Neste processo, já foi percebido que no ambiente hospitalar, a figura do palhaço rompe com a realidade de dor e sofrimento instaurada naquele cotidiano, olhando para o sujeito hospitalizado para além da doença, mas o encarando como ser humano. De acordo com Achcar (2007), o palhaço transporta outras realidades no contexto hospitalar, fazendo novas configurações do espaço existente por meio da ludicidade e da retomada de memória.

1. Atualmente os cursos participantes do projeto são Pedagogia, Enfermagem, Nutrição, Fisioterapia, Medicina e Odontologia.

2. O tempo de permanência de cada estudante é de até dois anos, sendo que podem desistir após o primeiro ano. Os/as estudantes assinam um termo de compromisso ao entrar no projeto, junto a assessoria de extensão.

As atividades dos Anjos da Alegria/UNIVALE perpassam pelo corpo em estado de escuta e qualidade técnica, por isso acontecem as oficinas de formação artísticas, antes das intervenções, em que preparamos o corpo como instrumento para ressignificar todo o ambiente hospitalar.

No espaço hospitalar, mais precisamente na pediatria, corredores da clínica médica feminina e masculina e pronto atendimento adulto, trabalhamos com reprises³ que servem para representar as ações ensaiadas e desenvolvidas durante as oficinas artísticas. Contudo, o que mais utilizamos no ambiente do HMGV, são os jogos de palhaçaria, a partir do contato direto com o paciente, seu familiar e com os profissionais da saúde nos leitos por onde passamos.

O jogo acontece no encontro, e durante esse momento o palhaço ajuda o paciente a se descolar da doença, ressignificando seu estado. O palhaço não enxerga o paciente e sim o sujeito, ele faz um contrato silencioso de saúde, um jogo no território do brincar e, isso começa na porta com a permissão para entrar em cada leito. Nesse encontro, há um conjunto de possibilidades e potencialidades que permeiam as relações entre os envolvidos (MASETTI, 2018).

A relação com o tempo presente é a situação em que o palhaço e o sujeito têm em comum. O corpo fala a todo momento, e nas suas ações que o jogo acontece, é criada uma dramaturgia do corpo com o espaço e os improvisos.

E no meio desses improvisos surgem as risadas. O riso é gratuito e, muitas vezes espontâneo, e na sociedade o riso possui diferentes formas de ser utilizado. De acordo com Mazzoleni (1990, p. 230) “as crenças e os rituais das sociedades orais nos assinalam que aos mortos compete o silêncio e o pranto, enquanto o ingresso na vida é acompanhado pelo riso”, ou seja, socialmente somos influenciados a rir ou a chorar, dependendo das situações vivenciadas.

Rir é uma reação exclusivamente humana e cada cultura compreende o riso de uma maneira. O riso é cultural, é instintivo e propõe a oralidade. Em determinados ambientes, rir é um processo de cura que origina e desencadeia uma série de fatores. As habilidades essenciais do riso propiciam o “eu” primitivo, o riso é um esboço de uma reação já existente, pragmática e socialmente aceitável.

O riso faz parte do cotidiano da palhaçaria, na medida que se estabelecem relações entre palhaços e pacientes, acompanhantes e profissionais de saúde. Mas, se o palhaço precisa do outro para transitar no espaço/tempo e criar suas ações, como os palhaços dos Anjos da Alegria/UNIVALE exerceram seu trabalho durante a pandemia da COVID-19?

Na cidade de Governador Valadares – MG, município de atuação do projeto, os primeiros casos de COVID-19 foram registrados no mês de março de 2020, assim, as aulas foram suspensas e começou o processo de distanciamento social⁴. (GOVERNADOR VALADARES, 2020)

Diante de tantas outras repercussões de distanciamento, eis que o projeto se viu no desafio de continuar as ações de humanização, ainda que em outro formato. Foi preciso repensar cada momento, cada formação e cada “entrada” no hospital, para que pudéssemos dar continuidade ao trabalho, de forma segura, levando o riso como elemento essencial.

3. Nome dado às cenas realizadas pelos palhaços.

4. Até o dia 15 de setembro de 2020, de acordo com o site da prefeitura Municipal de Governador Valadares- MG, observou-se 17.502 notificações de SG e 1007 de SRAG. Neste mesmo período, 6.786 casos foram confirmados para Covid-19, dos quais 232 evoluíram a óbito. https://www.valadares.mg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/Boletim_Epidemiologico?cdLocal=2&arquivo=%7B1BDB1B03-C3AC-4857-0ABB-0DADB2ED8E1E%7D.pdf

METODOLOGIA

Como metodologia optou-se pela pesquisa qualitativa e descritiva, do tipo relato de experiência, das ações realizadas durante a formação remota de professores e estudantes que participam do projeto.

A alegria é um estado que se constrói na relação com o outro, que não nasce pronto, ou seja, é um estado que se dá a partir do reconhecimento de nós mesmos e do outro, de nossos desejos, dúvidas, silêncios, sensibilidades e sorrisos.

O riso é a expressão de sentimentos que remetem às sensações que propiciam a cura; rir é um ato de amor ao corpo, é desenvolver intimamente os instintos primitivos que corroboram com as inquietações que neutralizam ações cotidianas (MAZZOLENI, 1990).

Estar no ambiente hospitalar nos permite vivenciar e expressar todas as emoções por meio do “eu palhaço” e quanto mais proporcionamos o sorriso, mais distanciamos a dor que o outro sente. Muitas vezes, não são os palhaços que colaboram com os pacientes, são eles que ensinam os palhaços a superar seus próprios limites.

No entanto, diante do contexto de pandemia e distanciamento social, e por força do Decreto nº 11.123, de 18 de março de 2020 (GOVERNADOR VALADARES, 2020), não foi possível adentrarmos ao território hospitalar na forma física, como antes, e o processo de experimentar a troca de risos e afetos teve que ser repensado. Então, um novo planejamento de atividades foi estabelecido pelos professores responsáveis pelo projeto, junto aos estudantes extensionistas.

Assim, os encontros de formação com o grupo continuaram acontecendo semanalmente, às sextas-feiras⁵, em ambiente virtual, de forma remota síncrona⁶ através do *Google Meet*. E com estudos e desenvolvimento de experiências assíncronas⁷, como leitura de artigos e visualizações de filmes.

Foi necessário desenvolver a identidade do palhaço existente em cada um, visto que quinze dos estudantes eram novatos, aprovados no edital de fevereiro de 2020. Dessa forma, nos meses de abril e maio priorizamos as formações, com estudos e oficinas compartilhadas no ambiente virtual, acerca da identidade do palhaço, que aconteciam em momento síncrono, em que o formador solicitava os movimentos e os demais integrantes realizavam, simulando vivências no hospital e expandindo o corpo-criador do “eu-palhaço” de cada um.

Nesse período foram produzidos pelos integrantes, professores e estudantes, vídeos com reprises que foram enviadas aos profissionais e pacientes do HMGV, por meio do *WhatsApp* e também publicadas no *Instagram* do projeto⁸, uma alternativa importante para que as produções do projeto chegassem ao seu público.

No mês de junho foram realizadas duas *lives*⁹, que através de parcerias, tivemos a presença de importantes palhaços/as do estado de Minas Gerais – MG, integrantes de grupos de palhaçaria reconhecido pelo trabalho na área. Uma delas, com acesso livre a toda comunidade por meio do perfil do *YouTube* da universidade, denominada “Entre risos e afetos”, em que o tema central foram as vivências de cada palhaço diante o distanciamento social, provocado pela COVID-19. A outra aconteceu somente para os integrantes do grupo, já na perspectiva de formação, também pelo *Google Meet*, finalizando o primeiro semestre de atividades de 2020.

5. Os encontros acontecem todas as sextas-feiras de 10h00 às 12h00.

6. Modalidade em que os encontros acontecem de forma simultânea em dia e horário marcado, via plataforma digital.

7. Modalidade de estudos em que a comunicação não acontece no mesmo tempo e espaço.

8. @anjosdaalegriaunivale

9. Expressão utilizada no meio televisivo para indicar que um programa ou evento está sendo transmitido em tempo real.

RESULTADOS

A partir da reestruturação do planejamento realizado, inicialmente pelos professores, foram colocadas em ação as propostas, buscando um maior aprimoramento de nossas práticas para que, em um possível retorno presencial, a identidade do palhaço e sua relação com o riso fossem expandidas, além das devolutivas ao nosso público-alvo, ainda que no formato remoto.

As formações de abril e maio aconteceram via *Google Meet*, cumprindo o distanciamento social conforme as orientações do Ministério da Saúde. As participações dos estudantes e professores foram marcadas por alegria e entusiasmo, demonstrando que o riso pode propiciar momentos de imersão das pessoas em processos de interiorização consigo, fazendo-a transcendentalmente, sair de seu estado de humor (da tristeza para alegria). E, nesse caso, aconteceu com quem se preparava para levar alegria a quem precisa, tornando-nos receptores do bem que o riso permite.

O processo do riso e o processo de estar feliz implicam em alguns momentos de usarmos “máscaras” para lidarmos com o outro. Na cultura do palhaço o riso faz parte de todo o contexto vivido, pois o palhaço se impõe perante sociedade a partir da essência daquele que carrega o riso, usando a menor máscara do mundo, o nariz vermelho¹⁰.

O palhaço ri de si mesmo e isso provoca momentos significativos nos processos de cura, no caso do palhaço hospitalar; ou pode influenciar no resultado de um processo sanando uma demanda que enfatiza o poder do riso, seja com ironia, sarcasmo, ou simplesmente pelo ato de rir cotidianamente.

O sorriso é um indicador de saúde muito importante no ambiente hospitalar. Ele sinaliza que o paciente e o palhaço percorreram uma situação de sofrimento e a ultrapassaram. A transformam ao gerar intimidade e novas percepções sobre os fatos vivenciados. O sorriso é um indicador de que a vida cabe dentro de um meio asséptico. É um fator de recuperação porque leva a um aumento da potência e a uma conduta ativa à situação vivenciada (MASETTI, 2015, p. 76-77)

É importante ressaltar que, se construir a identidade do palhaço presencialmente já não era fácil, pois implicava uma série de fatores que correspondem às vivências que possuímos: se expor, deixar que os outros observem seu “eu cru”; maior foi o desafio de construir o “eu palhaço” por meio de uma tela. O jogo parece se tornar frio, e o riso pode ser forçado. Por isso, estudamos sobre a necessidade do riso para o palhaço e para todo ser humano, uma vez que

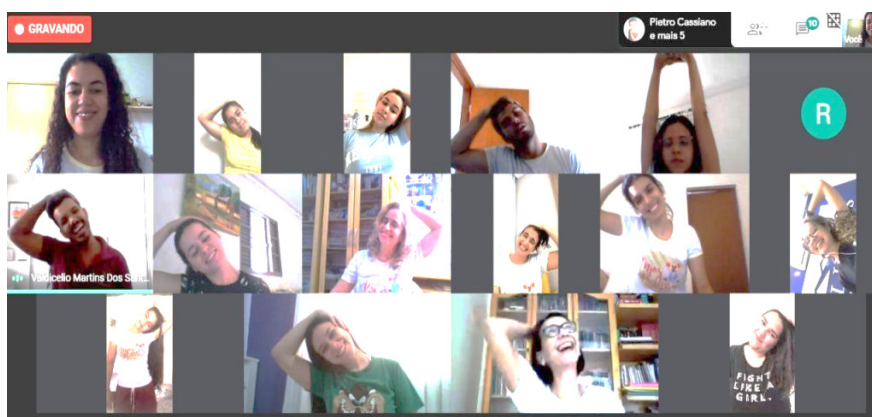
o riso para o clown é como um alimento para o ser humano e como o medicamento para o paciente. Os medicamentos e os procedimentos, dentro do tratamento hospitalar, atingem o ponto necessário na terapia convencional, porém os clowns levam a medição a um lugar imprescindível, a alma (WUO, 1999, p. 88).

Dessa maneira, o caminho para a descoberta do palhaço foi o autoconhecimento. E neste tipo projeto nem todos conseguem chegar a se autoconhecer, uma vez que mostrar e aceitar os seus atos ridículos, rir de si mesmo e fazer com que o outro ria de forma generosa é uma prática dolorosa, que muitas vezes demora a se solidificar.

Durante as oficinas, buscamos apresentar nosso lado ridículo para os demais participantes do grupo, antes de nos apresentar às crianças, adultos, idosos e profissionais no hospital, sendo eles os personagens principais, e “a alegria é o resultado da relação bem estabelecida” (TEIXEIRA; FARAGO, 2016, p. 346).

10. Nem todos os palhaços usam o nariz vermelho. Alguns utilizam de trejeitos, maquiagens e outros modos para provocar o humor.

Foto 1 - Momento de formação síncrona.



Fonte: Arquivo pessoal.

Finalizamos o mês de maio com muitas características positivas apresentadas por cada participante, de forma que foi possível perceber que o palhaço retrata nosso eu oculto que muitas vezes não queremos mostrar para as pessoas, ou temos vergonha de expor, e quando adentramos esse tipo de personagem, somos levados a outro universo.

Em junho, além das formações/oficinas internas, realizamos as *lives*, pois era preciso ouvir e perceber experiências de outros palhaços, suas formas de lidar com a pandemia, sua identidade e construção do seu eu, além de oportunizar à comunidade a escuta e também a chance de provocar o riso.

Foto 2 - Panfleto de divulgação da *live* 1.

Fonte: Arquivo pessoal.

Conseguimos parcerias com palhaços¹¹ reconhecidos por seus trabalhos no estado de Minas Gerais. Foi um trabalho de muito aprendizado, visto que a *live* aconteceu no *Youtube* e

11. Participaram da live os palhaços: Gyuliana Duarte (palhaça Xuleta – Instituto HAHAHA), Rodrigo Robleño (Palhaço Viralata – Sociedade do Riso), Xisto Siman (Palhaço Xinxin – CircoVolante), Daniela Pinho (Palhaça Espuleta – Projeto Contarolar), Célio Martins (Palhaço Furreca – Anjos da Alegria UNIVALE) e Flávia Rodrigues (Palhaça Filó – Anjos da Alegria UNIVALE).

alcançou 292 pessoas de forma síncrona, ao vivo, e atualmente¹² conta com 397 visualizações. Esse contato, mesmo que indireto com o público, é configurado como extensão, ou seja, o retorno da academia para a comunidade.

O último encontro foi realizado de forma interna, somente com os/as estudantes e a presença da palhaça Brigitte Guardô, do grupo Sociedade do Riso, interpretada pela psicóloga Lilian Amaral. Foi um momento muito especial, visto que foram abordadas questões sobre identidade, formação, amorosidade e sentimentos de ser palhaço.

Foto 3 - Panfleto de divulgação da *live* 2.



Fonte: Arquivo pessoal.

Finalizamos o semestre com construções importantes sobre o ser palhaço e o papel de cada estudante em seu campo de formação e sua contribuição para uma sociedade mais humana. Nesse contexto a figura do palhaço torna-se essencial para lidar com os sujeitos que precisam de carinho e afeto, resgatando valores como solidariedade, colaboração, afetividade nas relações, respeito à diversidade, cuidado com o outro e, acima de tudo, humanização dos processos cotidianos.

Visando todo o trabalho desenvolvido pelo projeto de extensão Anjos da Alegria/UNIVALE, em tempos de pandemia, e os diálogos realizados com a comunidade, mesmo de forma virtual, no mês de julho fomos contemplados com a parceria do Ministério Público do Trabalho, que a partir de agosto de 2020 passou a ser um importante parceiro/patrocinador das ações do projeto.

Decorrente desta parceria, o projeto poderá realizar o teleatendimento, que consistirá na realização de videoconferências, via *Google meet*, em que os palhaços do projeto poderão

12. Último acesso em 19 de setembro de 2020.

conversar ao vivo com os pacientes, a partir de dois *tablets* que serão disponibilizados para os setores, sendo que um ficará no setor infantil e outro no setor adulto para pacientes com COVID-19.

Nos dias e horários das chamadas, previamente acordados com a equipe do hospital, os *tablets* serão levados até os pacientes pelos profissionais da psicologia e enfermagem, e assim se estabelecerá o jogo, à distância, entre palhaços e pacientes, cumprindo o papel de do projeto de levar alegria, arte e cultura a todos.

Daremos continuidade com as *lives*, que serão realizadas de forma mensal e faremos vídeos e postagens semanais no *Instagram*¹³ do grupo e do hospital, mantendo vínculo direto com todos do HMGV.

CONCLUSÃO

Os trabalhos desenvolvidos pelo grupo Anjos da Alegria/UNIVALE, envolvendo professores e estudantes de diferentes cursos da área da saúde e educação, se configuram como ferramentas potentes no processo de humanização e de formação, visto que a atuação interprofissional para o ambiente hospitalar se faz por meio de interações que podem ser diretas e indiretas, sendo necessário para isso planejamento, estudo, ações colaborativas e disponibilidade para uma intervenção com o ser humano, para além da sua doença.

Os processos pedagógicos em educação e saúde perpassam pelas brincadeiras, pelo exercício da alegria, e é uma espécie de viagem exploratória e criativa. A experiência relatada permitiu observar que, mesmo com distanciamento ocorrido em relação ao ambiente físico que nos recebia nas intervenções, foi possível e preciso criar perspectivas e atravessar as paredes frias das telas, pois o ato de rir consiste em dar ao indivíduo uma possibilidade de se comunicar consigo e com seu grupo social.

De acordo com Teixeira e Farago (2016, p. 343) “o riso traz prazer e faz parte da vida, é um tratamento natural que desperta alegria e conduz ao bem-estar, através de uma simples gargalhada”, e isso aconteceu no novo formato do projeto de extensão, não só para os pacientes, acompanhantes e profissionais de saúde, mas para os próprios integrantes que receberam todos os benefícios que dele decorrem.

Dessa forma, a arte no meio hospitalar e sob a perspectiva do riso, mesmo que de maneira indireta e remota, é um recurso capaz de levar os pacientes a reflexões, a associações imaginativas sobre suas próprias condições de vida e, portanto, auxiliá-los para se tornarem mais resilientes do que vulneráveis, em especial nos tempos de pandemia.

O riso desmascara a linguagem cotidiana, retira ideias cristalizadas sobre a doença e expõe de forma improvisada e criativa a potência do encontro humanizado com a força que é capaz de transformar a vida, ou seja, influencia a alegria e promove o bem-estar, uma vez que por meio do riso “o corpo produz endorfinas que reduzem o incômodo que a dor provoca” (TEIXEIRA; FARAGO, 2016, p. 345).

Portanto, a inclusão do palhaço na rotina hospitalar, e aqui acrescenta-se na rotina da formação dos estudantes extensionistas, mesmo que de forma remota, propôs novos sentidos para a experiência da humanização, tornando-os, independentemente da área de formação, sujeitos mais humanos que compõem a proposta de que arte, educação e saúde caminhem juntas, inspirem as relações humanas dentro de um hospital, equilibrando diversas emoções e, ainda lidando com os desafios contemporâneos da saúde.

13. @anjosdaalegriaunivale

REFERÊNCIAS

ACHCAR, Ana. **Palhaço de hospital**: proposta metodológica de formação. 2007. Tese (Doutorado em Teatro) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

GOVERNADOR VALADARES. **Boletim epidemiológico-doença pelo novo coronavírus (Covid-19)**. Governador Valadares: Secretaria Municipal de Saúde. V. 21, 17 de setembro de 2020. Disponível em: https://www.valadares.mg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/Boletim_Epidemiologico?cdLocal=2&arquivo=%7B1BDB1B03-C3AC-4857-0ABB-0DADB2ED8E1E%7D.pdf. Acesso em: 19 set. 2020

GOVERNADOR VALADARES. **Decreto nº 11.123, de 18 de março de 2020**. Declara situação de emergência de saúde pública no âmbito do município de Governador Valadares, em razão da pandemia da doença infecciosa viral respiratória (covid-19) causada pelo novo coronavírus, dispõe sobre medidas de enfrentamento e dá outras providências. Governador Valadares, 2020. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/wp-content/uploads/sites/2/2020/03/decreto-situao-de-emergncia-em-sade.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020.

MAZZOLENI, Gilberto. **Homo ridens**: o riso como instrumento cultural. São Paulo: Perspectivas, 1990.

MASETTI, Morgana. **Ética da alegria no contexto hospitalar**. Rio de Janeiro: MMD, 2015.

MASETTI, Morgana. **Ética da alegria do encontro**. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

TEIXEIRA, Aline Patrícia Brito, FARAGO, Alessandra Corrêa. **Cadernos de educação**: ensino e sociedade. Bebedouro, 2016.

WUO, Ana Elvira. O clown visitador no tratamento de crianças hospitalizadas. **Biblioteca Digital UNICAMP**. Campinas, 1999.

Data de recebimento: 20/09/2020

Data de aceite para publicação: 29/20/20